

## CHÔKA — O POEMA LONGO E OS DEMAIS POEMAS JAPONESES

Geny Wakisaka

As crônicas históricas japonesas *Kojiki*, de 712 e *Nihonshoki*, organizada em 720, assim como as crônicas regionais *Fudoki*, que foram produzidas a mando dos seus imperadores até os meados do século VIII, inserem permeando as suas prosas um considerável número de composições poéticas, classificadas pelos pesquisadores do Japão como poemas-canções da antiguidade. Assim, no *Kojiki* teremos 112 poemas-canções, no *Nihonshoki*, 120 e nos *Fudoki*, que chegaram aos nossos dias deparamos com 26 desses exemplares. Estes poemas, na sua maioria não têm métricas definidas e de fato, pelas técnicas utilizadas de aliterações, refrões ou paralelismos que se repetem com certa cadência em suas composições, atestam as suas vinculações com algum ritmo musical ou corporal, um dos motivos da sua caracterização como poema-canção.

Observamos de outro lado que nos poemas registrados na primeira antologia poética japonesa *Manyôshû*, organizada na segunda metade do século VIII, apesar de encontrarmos obras com sinais de reaproveitamento dessas técnicas, há um progressivo desaparecimento delas, denotando o desmembramento música-poema, que eventualmente se processou. Pode-se dizer também que a métrica dos poemas do *Manyôshû* já se consolida na alternância dos versos de cinco e sete sílabas, desde então, tônica constante na poética japonesa.

Não obstante esta restrição métrica dos versos japoneses, na antologia citada, acham-se classificadas quatro diferentes formas poéticas denominadas: *Tanka*, *Sedôka*, *Bussokusekika*, e *Chôka*.

O *Tanka*, também denominado *Mijikauta* (poema curto), ou ainda *Misohitomoji* (31 sílabas) é a forma poética mais freqüente na antologia *Manyôshû*, com mais de quatro mil exemplares, dentre os seus quatro mil e quinhentos e tantos poemas nele registrados.

Composto de 5 versos que seriam 2 dísticos, cada um de 5 e 7 sílabas, o *Tanka* é concluído com um quinto verso composto de 7 sílabas.

O seu esquema obedece pois, a seguinte seqüência:

verso de 5-7-5-7-7 sílabas

Os seus três primeiros versos — 5-7-5 são conhecidos como *kamino ku* (versos de cima) e os dois últimos de 7-7 sílabas são os ditos *shimonoku* (versos de baixo).

Quanto ao *Tanka* cumpre acrescentar que, dos 232 poemas-canções somados do *Kojiki* e *Nihonshoki* e que são normalmente citados como *Kikikayô* (poemas do *Kojiki* e *Nihonshoki*), 115 já possuem a métrica de um *Tanka*, ainda que não sejam considerados como tal.

A segunda forma poética acima citada é o *Sedôka*. O *Sedôka* é o poema composto de 38 sílabas dispostos em 6 versos. O seu esquema é:

5 - 7 - 7 — 5 - 7 - 7 sílabas  
-----  
A                      B

Nota-se pela simetria de sua estrutura uma possibilidade de se seccionar o *Sedôka* em dois segmentos de 3 versos ou seja como anotamos em nosso esquema acima em A e B. Cada segmento (A e B) se identifica com o poema canção conhecido como *Katauta* (meio poema), formado de 5-7-7 sílabas, considerado unidade de diálogo dos desafiantes das canções primitivas em festivais ligados à agricultura, organizados nas comunidades japonesas da antiguidade. O *Katauta* está presente no *Kikikayô*. Aliás pelo fato de o *Katauta* se identificar com os 3 últimos versos do *Tanka* (5-7-5-7-7) e também com os 3 finais do poema tipo *Chôka* do qual falaremos mais adiante, presume-se que o *Katauta* seja a estrutura básica do poema japonês.

Muitos dos *Katauta* do *Kikikayô* estão associados em forma de pergunta e resposta, constituindo sentido completo quando agrupados em dois. Como exemplo poderemos citar o poema de Yamatotakeruno Mikoto, inserido no *Kojiki*:

Ni-i-ba-ri                      (4)  
Tsu-ku-ba-o-su-gi-te        (7)  
i-ku-yo-ka-ne-tsu-ru        (7)

(Depois de passar por Tsukuba, em Niibari, quantas noites foram dormidas?)

Ka-ga-na-be-te                (5)  
yo-ni-wa-ko-ko-no-yo        (7)  
hi-ni-wa-to-o-ka-o            (7)

(Em dias corridos foram nove noites e dez dias)

São os queixumes do príncipe Yamatotakeruno mikoto, em missão do imperador e afastado da sede do poder. Apesar de serem dois *Katauta* com falha métrica no primeiro verso, eles se completam quando juntos.

Os sessenta exemplares de *Sedôka* que aparecem na antologia *Manyôshû* já não formam diálogos poéticos com exceção do poema 1275 do volume 7. Na sua maioria são obras de autores desconhecidos e quanto ao seu conteúdo não difere em nada do lirismo de um *tanka*. A sua estrutura de versos emparelhados e simétricos, apropriados aos diálogos cantados da antiguidade talvez não coadunasse com o lirismo que tende a quebrar a estrutura formal equilibrada e o *Sedôka* como forma de poema desaparece da literatura japonesa. Devo acrescentar que a ordem dos segmentos A e B do *Sedôka* pode ser invertida, sem que haja alteração no sentido do poema. De outro lado a sua estrutura simétrica repetida nos dá a ilusão de um constante retorno ao seu primeiro verso de onde veio-lhe o nome *Sedôka*, literalmente poema de volver a cabeça.

Exemplo: Poema 1281 — vol. 7. *Manyôshû*

“Ki-mi-ga-ta-me	(5)
ta-ji-ka-ra-tsu-ka-re	(7)
o-ri-ta-ru-ki-nu-so	(7) — A —
ha-ru-sa-ra-ba	(5)
i-ka-na-ru-i-ro-ni	(7)
su-ri-te-ba-yo-ke-mu	(7) — B —

— A — A você, com todo o empenho, teci este tecido

— B — Quando a primavera chegar, em que cor, deverei tingí-lo?

Nota-se a despeito da rigidez formal, o monólogo de uma mulher que trabalha com empolgação na confecção do tecido o qual na primavera tenciona tingí-lo e presenteá-lo ao seu amado. A ordem dos segmentos A e B não modifica o significado do poema e o retorno ao primeiro verso reforça a imagem da mulher toda dedicada no seu labor, hesitante e feliz no seu mundo colorido, que se alterna.

*Bussokusekika* é o poema composto de 38 sílabas, dispostas em 6 versos conforme o seguinte esquema:

5 - 7 - 5 - 7 - 7 - 7 sílabas

A antologia *Manyôshû* registra um único exemplo desta forma poética. Trata-se do poema 3884 do seu volume 16. O *Kojiki* registra um poema com este esquema, no capítulo dedicado ao imperador Seinei que segundo consta, viveu nos finais do século V e o *Harimano Kuni Fudoki* (Crônica sócio-geográfica da província de Harima), comporta um poema desta estrutura formal. *Bussokusekika* é o nome dado aos poemas gravados na lápide

que registra as marcas dos pés de Buda e esta pedra se encontra atualmente sob a guarda do templo Yakushiji na cidade de Nara. Segundo nota os poemas da lápide eram entoados pelos devotos do Budismo que aí chegavam para orar e esta lápide foi feita a mando de Bunyano mahito Chine em 753, em homenagem à alma de sua esposa.

O poema 3884 do Manyôshû diz:

Iyahiko kamino fumotoni kyôramoka

shikano fusuramu kawagoromokite tsunotsukinagara.

O poema fala de uma certa corça deitada aos pés da divindade e segundo o pesquisador Kojima Noriyuki em sua obra *Kodai Kayôno Kanata — warabeutatono kôshô* (Além do horizonte da canção primitiva — sua relação com a canção satírica), este *Bussokusekika* deveria fazer parte das canções populares, das danças da corça.

Antes de entrarmos na apresentação do poema tipo *Chôka*, tocaremos rapidamente no *Renga*. O *renga* na verdade não é uma nova forma poética mas devido ao seu processo de elaboração inusitada na antiguidade, teve o seu destaque. Assim, quanto à forma, o *Renga* é um *Tanka*. A diferença está na sua forma de produção. Os três primeiros versos do *Tanka* ditos *Kaminoku* e os dois últimos versos, os *Shimonoku*, são elaborados por pessoas diferentes, que completam juntas o *Tanka*. Este poema porém, recebe o nome de *Renga*, e está presente já na antologia *Manyôshû*. O poema 1635 do volume 8 do *Manyôshû* é o único exemplar de *Renga* registrado. Segundo nota anteposta ao poema, sabe-se que ele foi elaborado pelo poeta Ôtomono Yakamochi e por uma monja desconhecida. A monja utiliza os três primeiros versos do *Tanka* e fala do plantio de arroz irrigado com as águas do rio Saho, sendo este trabalho feito com carinho e o poeta completa o *Tanka*, falando da colheita que será usufruída por uma só pessoa. Em seu sentido figurado, a monja diz do sacrifício de uma mãe no criar a filha com tanto zelo e o poeta conclui prevendo o destino desta filha que irá na certa servir a vida toda, ao homem com quem se casar.

Poema 1635: vol. 8 Manyôshû: (*Tanka-Renga*)

Sahogawano Mizuo Sekiagete Ueshitao (Monja)

Kareru Hatsuiwa Hitorinarubeshi (Yakamochi)

Este é o *Renga* curto que mais tarde tem desenvolvimento dentro da literatura japonesa, surgindo o *Kusari Renga*, *renga* longo, composto por mais pessoas que vão somando os *Kaminoku* e *Shimonoku* alternados, constituindo obras de dimensões que chegam a atingir cem versos, num colóquio artístico coletivo.

Em oposição ao *Tanka*, poema curto, teremos na literatura japonesa o poema longo denominado *Chôka*.

O *Chôka* requer no mínimo três sequências do dístico de 5 e 7 sílabas e é concluído com o acréscimo de um verso de 7 sílabas após o último dístico. Não há restrições quanto ao máximo de versos. O seu esquema é pois de:

5 - 7 - 5 - 7 - 5 - 7

7 sílabas ou seja:  $n(5+7)+7$ .

Por volta da Era Taika, em meados do século VII, incentivada a entrada da cultura chinesa no Japão, nota-se que começam a surgir uma modificação na forma do *Chôka*, influenciada pelo poema chinês, em voga então. Torna-se frequente depois de concluído o *Chôka* propriamente dito, seguida a métrica conforme esquema apresentado, acrescentar-se-lhe um outro poema, este geralmente com as métricas de um *Tanka* (no *Manyôshû* há o caso do *Chôka* 3232 que vem acompanhado de um *Sedôka*), denominado *Hanka* ou *Kaeriuta*, literalmente poema de retorno, que vem sintetizar, reforçar ou completar a idéia desenvolvida no seu poema longo.

Esta nova forma do *Chôka*, segundo pesquisadores japoneses, estava em conformidade com a forma do poema longo chinês, o *Fu*, que vinha complementado por um poema curto chamado *Hanji* (palavras de retorno) também conhecido como *Ran*.

Segundo *Kanshi Kanshō* (Apreciação do poema chinês), de Takagi Masaichi:

na dinastia Han, surge o poema conhecido como *Fu*, por volta do século II aC. *Fu* é o poema longo, objetivo, descritivo, cuja finalidade era a de relatar e comentar um evento social, voltado pois aos interesses da comunidade presente. No final do poema o comentário do poeta sobre a questão relatada, vinha de encontro com os anseios da sua platéia. Estes comentários mormente tendem para a crítica social e política e para tanto, o poeta procurava apoio nas lendas e tradições e fatos históricos, que eram as fontes de suas inspirações. O poema eminentemente declamatório, torna-se pomposo e rebuscado. O *Fu* possui na sua maioria um prefácio, no seu desenvolvimento se utiliza com freqüência das técnicas do paralelismo e rimas e tem tendência para os sarcasmos.

O *Chôka* da literatura japonesa, de natureza lírica se desenvolve através dos trabalhos dos poetas da corte como poema de louvação e recebe pelo visto as influências do poema chinês *Fu*, somente no seu aspecto formal.

O *Manyôshû* registra 265 poemas classificados como *Chôka*, distribuídos entre os seus 20 volumes como segue:

Volume	N.º de <i>chôka</i>	Volume	N.º de <i>chôka</i>
1	16	10	3
2	19	13	66
3	23	15	5
4	7	16	8
5	10	17	14
6	27	18	10
8	6	19	23
9	22	20	6
		<hr/>	
		Total 265	

(Os volumes 7, 11, 12 e 14 não contêm *chôka*)

Destes poemas considerados *chôka*, dentro da antologia *Manyôshû*, 44 não vêm acompanhados de *hanka*. De outro lado, o número de *hanka*, que acompanha o poema longo do *Manyôshû*, varia conforme o seguinte gráfico:

N.º de <i>hanka</i>	N.º de <i>chôka</i>
0	44
1	123
2	78
3	9
4	7
5	3
6	1
<hr/>	
265	

Assim, dentre os 265 *chôka*, 221 possuem *hanka*, o que torna o acompanhamento do *Hanka* ao *Chôka* já uma das características do poema em questão, dentro da antologia *Manyôshû*. Nota-se que a antologia comporta *Chôka* com até 6 *hanka*.

Quanto à finalização do *chôka*, vamos ainda encontrar dentro da antologia, segundo *Manyôshû no Chôka* (Os *Chôka* do *Manyôshu*) de Okabe Masahiro, as seguintes exceções:

- 1 Quatro *chôka* terminados com versos de 5, 7, 5 e 5 sílabas (poemas n.º 3, 162, 3242 e 3323)

2. Vinte e três *chôka* terminados em versos de 5, 7, 7 e 7 sílabas (poemas n.º 16, 204, 217, 485, 534, 907, 3236, 3239, 3250, 3253, 3299, 3300, 3301, 3305, 3310, 3330, 3332, 3335, 3336, 3691, 3880, 3886, 4264)
3. Um *chôka* terminado com versos de 5, 7, 7, 7, 7 e 7 sílabas (poema n.º 3885)
4. Oito *chôka* terminados com versos de 5, 7, 5, 3 e 7 sílabas (poemas n.º 1, 13, 17, 153, 3222, 3247, 3331 e 4227)
5. Um *chôka* terminado com versos de 5, 7, 7 e 5 sílabas (poema n.º 3878)
6. Um *chôka* terminado com versos de 5, 7, 5 e 7 sílabas (poema n.º 3875)
7. Um *chôka* terminado com versos de 5, 7 e 3 sílabas (poema n.º 4227)

É do nosso parecer, pela listagem, que estes *chôka* que fogem à forma padronizada do *chôka* estão inseridos, na sua maioria, entre os poemas mais antigos do *Manyôshû*, a saber:

- vol. 1 — Poemas de n.º 1 ao 84
- vol. 2 — Poemas de n.º 85 ao 234
- vol. 3 — Poemas de n.º 235 ao 483
- vol. 13 — Poemas de n.º 3221 ao 3347
- vol. 16 — Poemas de n.º 3786 ao 3889

Nestes volumes estão inseridos poemas de autores desconhecidos, coletados entre as canções populares ou ainda entre lendas antigas.

Nota-se, portanto, que são *chôka* anteriores à sua concretização como forma definida. Não se levando em conta somente o final do *chôka*, poderemos ainda anotar dentre os poemas longos do *Manyôshû* um considerável número de poemas que fogem completamente a seu esquema, apesar de serem considerados *chôka* pelos pesquisadores japoneses, como acontece por exemplo com o poema n.º 1 da antologia, atribuído ao imperador Yûryaku (segundo *Nihonshoki*, dos finais do século V). O poema em questão apresenta a seguinte métrica:

3-4-5-6-5-5-5-5-4-7-5-6-5-7-5-3-7 sílabas

Pelo visto, o poema em questão está muito aquém da métrica do *chôka*.  
Poema 1 vol. 1 *Manyôshû*

Autor: Imperador Yûryaku

Komoyo — Mikomochi — Fukushimao — Mibukushimochi —  
Kono Okani — Natsumasuko — Ienorase — Nanorasane  
Soramitsu — Yamatono Kuniwa — Oshinabete — Warekoso  
Ore-shikinabete — Warekoso Imase — Warekosowa — Norame —  
Ieomo Naomo.

Resumindo-se, o poema é uma declaração de amor — pedido de casamento — feito pelo imperador à uma donzela que colhe as ervas da primavera em uma colina, munida de um pequeno balaio e uma pazinha.

Apesar do ar bucólico, denota-se a imponência de um chefe de estado que já se afirmava no poder.

O *chôka* propriamente dito pode ser seccionado em vários períodos quanto às suas unidades semânticas quando a divisão formal e semântica coincide no poema, com alguma quebra de esquema métrico feita esta pelo autor, cada período assim considerado é denominado *setsu* ou *kai*.

Nos poemas primitivos do *Kiki* vamos contar com 92 exemplares que têm mais de sete versos (estrutura formal de um *chôka*) e dentre estes, 25 apresentam divisões semântico-formais em *kai*, como seguem:

Obras	<i>Kai</i>
22	2
2	3
1	4

No *Manyôshû*, dos 265 *chôka*, apenas 9 nos apresentam estas divisões. Trata-se dos poemas n.º 1, 800, 892, 3295, 3309, 3323, 3875, 3878 e 4227

Os *chôka* com divisões de *kai*, são aqueles que não se prenderam à métrica rígida do esquema que lhe foi estabelecida e de certa forma seguiram o esquema do poema primitivo do *Kikikayô*. Os inseridos no *Manyôshû*, na sua maioria, estão nos volumes 13 (3) e 16 (2), volumes estes típicos dos poemas primitivos. Deve-se notar, porém, que os de número 800, 892 e 4227 são dos conhecidos poetas Yamanoue no Okura (poemas n.º 800 e 892) e Ôtomo no Yakamochi (poema n.º 4227), que talvez tentassem desta forma, conscientemente, uma reanimação da forma *chôka*, mesmo quebrando a rigidez de sua métrica ou experimentando já uma exposição que abriria o caminho para a prosa.

O poema 800 da antologia, de autoria do poeta Yamanoueno Okura é um *Chôka* com 3 *Kai* ou *Setsu*, isto é, 3 divisões semântica e formal, conforme esquema seguinte:

“	<i>mochidori no kakarawa shimoyo yukue shiraneba</i> ”	Final do 1.º setsu
	5                      7                      7	
“	<i>iwakiyori, narideshi hito kanagana norasane</i> ”	Final do 2.º setsu
	5                      7                      7	
“	<i>kanikakuni hoshiki manimani shikaniwa arajika</i> ”	Final do 3.º setsu
	5                      7                      8	

O resumo de cada *setsu* seria:

(“Na incerteza do futuro, amai uns aos outros e não vos separais”

1.º — proposição)

(“Quem é você que abandona os seus como se fossem velhos calçados?”

2.º — Chamamento)

(“Sigam pois conforme as vontades do soberano”

3.º — Conselho)

Em cada repetição de 7 e 7 sílabas há uma intenção de pontuação formal que coincide com uma unidade de pensamento para então prosseguir com uma nova explanação.

De certo modo os *hanka* acrescentados ao *chôka* podem ser considerados como uma nova unidade de *kai* do poema e, assim, os *chôka* providos de 6 *hanka* terão realmente um acréscimo de mais seis unidades semânticas ou *kai*.

Transcreveremos em seguida a relação dos versos dos poemas primitivos do *Kiki* e dos *chôka* do *Manyôshû*, conforme o número de fonemas (silábicos ou vocálicos) nele contidos:

Obras	N.º de sílabas (versos)							
	2	3	4	5	6	7	8	9
<i>Kojiki</i>	3	33	117	353	154	326	31	9
<i>Nihonshoki</i>	2	18	62	326	114	332	46	5
Total	5	51	179	679	268	658	77	14
%	0,3	3	9	35	14	34	4	0,7
<i>Manyôshû</i>	—	18	139	3516	345	3563	181	7
%	—	0,2	1,8	45,3	4,4	45,9	2,3	0,1

(*Manyôshû Taisei* 7. Tokyo, Heibonsha, 1954, pág. 84)

Conforme a tabela, podemos observar que há uma tentativa nítida já nos *Kikikayô* acusando preferência pelos versos de 5 e 7 sílabas, fato tanto mais acentuado com respeito aos versos dos *chôka* em *Manyôshû*.

Vários fatores devem ter contribuído para esta tendência, como veremos a seguir.

Os poemas chineses do tipo *shi* são em média regulamentados, não havendo permutações de versos de 7 e 5 ou de 4 ideogramas no interior de um mesmo poema. Eles apresentam-se mais comumente em *shigonshi* (“poema com versos de 4 ideogramas”, que são também de 4 sílabas ou 4 palavras; é do tipo mais arcaico), em *gogonshi* (“poemas com versos de 5 ideogramas”), ou em *shichigonshi* (“poema com versos de 7 ideogramas”).

Yamanoue no Okura, destacado poeta da antologia *Manyôshû*, integrante de uma comitiva japonesa que visitou a China em 701, regressou no ano seguinte, trazendo em sua bagagem o famoso conto chinês *Yûsenkutsu* (*Desvaneios no Paraíso Terrestre*), escrito por Chôbunsen. Trata-se de uma obra de ficção em que o personagem principal no caso o próprio autor, vivencia um experimento insólito em companhia de duas damas, num espaço fantástico, dito paraíso terrestre, nos moldes do Shangri-La. Em meio ao relato, há troca de poemas entre os personagens. Tais poemas em média são compostos de versos de 5 ou 7 ideogramas, mas entre eles deparamos com o poema conhecido como *zôgontai* (estilo em versos variados) que se apresenta com versos mesclados de 5 e 7 ideogramas.

A obra *Yûsenkutsu* foi muito apreciada pelos japoneses da alta antiguidade. Diríamos que estes versos de 5 e 7 ideogramas não têm implicações diretas na regulamentação dos versos de 5 e 7 sílabas japonesas que, na época do imperador Jomei (629-641) já se firmava no Japão, mas há pareceres entre os estudiosos japoneses de que os poemas do *Yûsenkutsu* poderiam ter ajudado na implantação da métrica de 5 e 7 sílabas do poema japonês.

Segundo *Chôka* de Shimizu Katsuhiko a regulamentação formal do poema japonês, dá-se no início da antologia *Manyôshû*, que coincide com a era do imperador Jomei (629-641), quando os poemas, até então de caráter oral, foram registrados na forma escrita, havendo, pois, uma natural preocupação por parte de seus anotadores na busca consciente de uma organização formal dos poemas japoneses que, segundo uma tendência natural, já se anunciavam na métrica das 5 e 7 sílabas e, neste processo, talvez a observância dos poemas chineses tenha tido alguma parcela de contribuição.

Segundo *Kodai Nihonbungaku Shichôron (Estudos dos Pensamentos na Literatura da Antigüidade Japonesa)* de Ota Yoshimaro, a fixação das 5 e 7 sílabas dos versos japoneses decorre de:

“Em regra, as canções populares da antigüidade japonesa têm como unidade rítmica o compasso de 2 fonemas (silábico ou vocálico), fenômeno este que se criou relacionado à composição do vocábulo da língua japonesa, que em média comporta 2 ou múltiplos de dois fonemas. De outro lado, a unidade de prolação da língua japonesa se ajusta numa unidade sintática, que se resume num vocábulo nocional com o acréscimo de um vocábulo relacional (de valor sintático, de 1 fonema ou sílaba) por ser ela uma língua aglutinante por excelência.”

“Por uma necessidade do fator orgânico respiratório, a unidade de prolação possível ao ser humano é de oito fonemas, reservando-se a última unidade para a pausa.”

“Quando o relato frente a uma platéia presente ou supostamente presente se tornou uma condição do poema longo japonês, houve um primeiro passo em direção à sua organização e, devido aos fatores citados, os *denotata* (sujeito, objeto e qualificação) e suas modalidades (predicações), foram sendo confinadas, os primeiros em versos curtos e os segundos em longos.”

Por outro lado, quando as condições para o registro dos poemas se tornaram favoráveis, as variantes formais decorrentes do caráter cantatório dos poemas primitivos foram abolidas e uma idéia consciente de organização formal conjugada ao fator compreensão do poema, foi sendo aplicada, tendo em vista a questão sintática. E a forma *chôka* foi sendo assim definida.

As análises estão no plano hipotético, e ainda não se chegou a nenhuma conclusão concreta e os estudos deverão prosseguir tentando ligar os campos de todas as possíveis estruturas poéticas e lingüísticas com vistas a se chegar a uma explicação.

O mais longo *Chôka* da antologia *Manyôshû* conta com 149 versos, cuja autoria é do poeta Kakinomoto no Hitomaro. Trata-se de um poema elegíaco elaborado para o réquiem do príncipe Takechi, falecido em 693. O poema está registrado no volume 2 da dita antologia, sob o número 199.

Segundo levantamento dos números de versos dos *Chôka* do *Manyôshû*, obtivemos a seguinte listagem:

N.º de	N.º de versos	N.º de poemas para cada n.º de verso	Total de poemas
1	15	20	20
2	19	17	17
3	23, 25, 29	14	(42)
4	17	13	13
5	27	12	12
6	11, 13	11	(22)
7	21, 31	9	(18)
8	9, 16	8	(16)
9	35, 37	6	(12)
10	20, 33, 45, 53	5	(20)
11	12, 18, 39, 43, 55	4	(20)
12	10, 28, 41, 47	3	(12)
13	22, 36, 51, 57, 59, 62, 63	2	(14)
14	8, 14, 26, 30, 32, 34, 38, 40, 42, 46, 54, 56, 60, 61, 64, 66, 71, 75, 77, 82, 83, 89, 93, 105, 107, 112, 149	1	(27)
			Total: 265

Segundo este levantamento podemos notar que 185 *chôka*, dos 265 inseridos no *Manyôshû*, ou seja, 69,9%, são compostos com até 31 versos, e 80 *chôka*, isto é, 30,1%, têm mais de 31 versos. Até o número de ordem 7 notamos uma seqüência crescente quanto ao número de versos; a partir do número de ordem 8, o número de versos de cada *chôka* torna-se irregular.

Nota-se uma preferência dos poetas do *Manyôshû* pelos *chôka* menores, constatando-se apenas 4 *chôka* que ultrapassam a cifra da centena para os metros.

N.º ímpares de versos	Poemas	N.º pares de versos	Poemas
15	20 (20)		
19	17 (17)		
23, 25, 29	14 (42)		
17	13 (13)		
27	12 (12)		
11, 13	11 (22)		
21, 31	9 (18)		
9	8 ( 8)	16	8 ( 8)
35, 37	6 (12)		
33, 45, 53	5 (15)	20	5 ( 5)
39, 43, 55	4 (12)	12, 18	4 ( 8)
41, 47	3 ( 6)	10, 28	3 ( 6)
51, 57, 59, 63	2 ( 8)	22, 36, 62	2 ( 6)
61, 71, 75, 77, 83, 89, 93, 105, 107, 149	1 (10)	8, 14, 26, 30, 32, 34, 34, 38, 40, 42, 46, 54, 56, 60, 64, 66, 82, 112	1 (17)
Total: 215		Total: 50	

Obs.: O n.º entre parênteses é a somatória de poemas por tipo de versos.

Dos 265 *chôka*, 215 são compostos por números ímpares de versos e apenas 50 contam com números pares de versos. Isto significa a fixação do *chôka* na forma de 5, 7 e 7 sílabas.

O *waka*, denominação dada ao poema em estilo japonês que engloba várias formas poéticas (*chôka*, *tanka*, *sedôka*, *katauta* etc.) em oposição à idéia de *kanshi* poema em estilo chinês, é considerado, em princípio, um poema lírico, quaisquer que sejam suas formas de expressão, visto que seu fio condutor sempre foi a emotividade do homem. O *chôka* é, portanto, considerado um poema lírico dentro da poética japonesa. Itô Haku já citado, aponta origens diferentes para as formas *tanka* e *chôka*. Enquanto o *chôka* se origina das preces dedicadas às divindades da antigüidade, com expressões válidas por suas cargas de magia nelas incutidas, e conhecidas como *koto-dama* (“espírito das palavras”), e, portanto, forma poética geralmente utilizada para ocasiões especiais cerimoniais, o *tanka* originou-se da canção popular ou de poemas primitivos, e assim tanto o *Tanka* como o *Chôka* se desenvolveram como expressão subjetiva do ego.

Dos poetas que se destacaram com as suas produções de *Chôka* na antologia *Manyôshû*, devemos mencionar os nomes de: Kakinomoto no Hitomaro como o poeta divino da antiguidade japonesa, pela sua atuação como poeta da corte da imperatriz Jitô (686-697). Deixa além dos encômios à imperatriz, muitos poemas elegíacos; Yamanoueno Ôkura é o poeta intelectual, utilizando a forma *Chôka* para a explanação dos seus pensamentos, idéias e críticas sociais, temáticas que não se desenvolveram na poética japonesa; Takahashi Mushimaro canta em seus *Chôka* as lendas e tradições ampliando a temática desta forma poética, se bem que sempre conservando-a dentro do lirismo sentimental e Akahito foi o poeta da corte que se destaca pela descrição precisa, o equilíbrio na composição das obras, e principalmente na sua postura de comunhão com a natureza, o que legou como característica do *Waka* à sua posteridade.

Para o poeta japonês, lírico por excelência, que tem uma tradição poética de apenas retratar as divagações do *aqui* e *agora*, é natural que o *Chôka*, poema longo vai cair num desuso total com o decorrer do tempo.

O *Chôka* vai perdendo sua razão de ser, quando começa a surgir também na literatura japonesa a prosa que irá substituí-lo no relato das ocorrências antigas e modernas. Com efeito, o *Manyôshû* registra 265 *Chôka* e esta cifra decai consideravelmente nas subseqüentes antologias organizadas pelos japoneses, como veremos a seguir.

Conforme o *Kokka Taikan* (2 volumes do index de *waka*, organizados em 1900 por Matsushita Daizaburô e Watanabe Fumio), o número de *chôka* que aparecem nas antigas antologias japonesas são em número de 34. Registramos as 21 antologias imperiais organizadas na literatura japonesa:

Nome da obra	Ano	Organizador	Nº de poemas	Nº de <i>chôka</i>
<i>Kokin wakashû</i>	905	Kino Tsurayuki	1500	5
<i>Gosen wakashû</i>	951	Kiyohara Motosuke	1400	0
<i>Shûi wakashû</i>	1001	Fujiwara Kintô	1300	5
<i>Goshûi wakashû</i>	1078	Fujiwara Michitoshi		0
<i>Kinyô wakashû</i>	1127	Minamoto no Toshiyori	600	0
<i>Shika wakashû</i>	1151	Fujiwara Akisuke		0
<i>Senzai wakashû</i>	1187	Fujiwara Toshinari	1280	3
<i>Shinkokin wakashû</i>	1205	Minamoto no Michitomo	2000	0
<i>Shinchokusen wakashû</i>	1232	Fujiwara no Teika	1300	4
<i>Shokugosen wakashû</i>	1251	Fujiwara no Tameie	1364	0
<i>Shokukokin wakashû</i>	1265	Fujiwara no Tameie	1900	0
<i>Shokushûi wakashû</i>	1278	Fujiwara Tameuji	1400	0
<i>Shingosen wakashû</i>	1303	Fujiwara Tameyo	1600	0
<i>Gyokuyô wakashû</i>	1312	Fujiwara no Tamekane		0
<i>Shokusenzai wakashû</i>	1320	Fujiwara no Tameyo	2100	5
<i>Shokugoshûi wakashû</i>	1325	Fujiwara no Tamefuji	1300	0
<i>Fûga wayashû</i>	1346	Imperador Hanazono	2200	0
<i>Shinsenzai wakashû</i>	1359	Fujiwara no Tamesada	2300	3
<i>Shinshûi wakashû</i>	1364	Fujiwara no Tameakura	1900	5
<i>Shingoshûi wayashû</i>	1383	Fujiwara no Tametoo	1550	0
<i>Shinzokukokin wakashû</i>	1439	Fujiwara no Masayo	2140	4
			Total de <i>chôka</i> :	34

De acordo com as obras de cunho histórico ou diários, a quantidade de *chôka* nelas inseridas é a seguinte:

	Nome da obra		ano	Nº de <i>chôka</i>
1	<i>Shoku Nihonkôki</i>	Fujiwara Yoshifusa	869	1
2	<i>Eiga Monogatari</i>	Fujiwara Tamewaza ou Akazome Emon	1092	2
3.	<i>Masu Kagami</i>	Ichijô Kaneyoshi	1376	2
4.	<i>Kagerô Nikki</i>	Mãe de Michitsuna	974	8
Total:				13

No *Zoku Kokka Taikan*<sup>2)</sup>, registramos os seguintes números de *chôka*:

Nome da obra = Nome do Autor	Ano	Nº de <i>chôka</i>
<i>Minamotono Shitagaushû</i>	911-983	2 (1)
<i>Akahitoshû</i>	951	3
<i>Kokin Waka Rokujô</i> = Tsurayuki	976-983	9 (8)
<i>Mitsuneshû</i>	1005	2 (1)
<i>Chôshû eisô</i>	1178	2 (1)
<i>Ko Ôkimishû</i>	Séc. XI	1
<i>Shûigusô</i>	1216	2 (2)
<i>Komachishû</i>	Séc. XI	1 (1)
<i>Iseshû</i>	Séc. XII	2 (1)
<i>Tadamineshû</i>	Sec. XII	1 (1)
<i>Zôtanshû</i>		3
<i>Kain in Sadaishôshû</i>		1
<i>Tomomitsu Kyôshû</i>		1
<i>Shûggyokushu</i> = Jishin		1
Total:		30 (16)

Obs.: Os números entre parênteses indicam os *chôka* que estão repetidos na obra.

No index *Shinko Ruijû Waka* registram-se os seguintes *chôka*, segundo antologias.

Nome da obra=Nome do autor	Ano	choka
<i>Sagamishû</i>	1040	1
<i>Fujiwara Takanobu Asomi Shû</i>	1205 ±	7
<i>Sôya Yoshitada Shû</i>		3 (3)
<i>Sôgi Hôshishû</i>	Sec. XVI	1
		Total: 12 (3)

No index *Gunsho Ruiju Waka* registramos 90 poemas dos quais, subtraindo-se os repetidos, permanecem 71.

Além destes, na obra *Izayoi Nikki (Diário da Lua Minguante)*, escrita em 1279, aparece um *chôka*, no final da obra, de autoria da monja Abutsuni e no trecho de sua viagem ao leste estão inseridos mais 2 *chôka*, num total de 3.

Na obra de *Heikemonogatari* de 1221, há um *chôka* de autoria do personagem Atsumori.

Num espaço de cerca de seis séculos, nota-se o declínio completo da forma *chôka* segundo registros das obras da literatura dita clássica japonesa. A conceituação de literatura clássica japonesa é muito vaga e segundo o dicionário *Kôjien*, ela é “toda a literatura do passado que compõe e delimita uma cultura e seu povo” Em se tratando da literatura japonesa estenderíamos a toda a obra que antecede a abertura dos portos para o ocidente da Era Meiji, portanto, produzida antes de 1868.

## BIBLIOGRAFIA

- ITÔ, Haku — *Manyôshû Hyôgento Hôhō* (Manyôshû, método e expressão), Tôkyô, Hanawa, 1976, 2 vol.
- KANAI, Seiichi — *Jôdai Bungakushi* (História da literatura da Alta Antigüidade). Tôkyô, Kasama, 1975.
- KURANO, Kenji (org.) et alii — *Kojiki Norito*, in *Nihon Koten Bungaku Taikei* 1. Tôkyô, Iwanami, 1980.
- ÔTA, Yoshimaro — *Kodai Nihonbungaku Shichôron* (Corrente do Pensamento Literário da Antigüidade Japonesa). Tôkyô, Ôfusha, 1971.

- RODRIGUEZ, Pe. Ião — *Nihon Daibunten* (A grande Gramática da Língua Japonesa).  
Fotocópia da *Arte da Lingoa de Iapam*. Tôkyô, Bunkashobô Hakubunsha, 1969.
- SAEKI, Umetomo — *Kokin Wakashu* (Antologia de Poemas Antigos e Novos), Tôkyô,  
Iwanami, 1969.
- SASAKI, Nobutsuna et alii (Org.) — *The Manyôshû — one thousand poems*, New York/  
London, Columbia Univ. Press, 1965.
- TSUCHIHASHI, Yutaka — *Kodai Kayôron* (Estudos sobre os poemas primitivos) Tôkyô,  
San-ichishobô, 1971.
- WAKIYAMA, Shichirô — *Manyôshuno Sedôka* (Sedôka do Manyôshu), in col. *Man-  
yôshu Taisei* 7, Tôkyô, Heibonsha, 1954.
- SHIMIZU, Katsuhiko. *CHÔKA*. in: *Manyôshu Kôza* 4. Tóquio, Yûseidô, 1973.
- SUZUKI, Teiiti — *De Renga a Haikai*, in *Estudos Japoneses* vol. 1, São Paulo, 1979,  
p. 91-125.